

Sophia + José, hoje recebemos um cartão-cartinha de vocês. Esta carta acusa também o recebimento da primeira (3 nov.) cujo conteúdo, nos parece, só pode manter-nos mudos de espanto. Não fica fácil dizer de volta do muito (que é pouco pelos padrões da Big Apple) que tem acontecido por aqui, enquanto vocês estão fora.

A exposição Ismael Nery, no M.A.C.-U.S.P., constituiu-se em um enorme esforço de coordenação. Mas não foi o suficiente. Sabemos que não é somente de suor e de boas intenções que pode-se fazer boas coisas; de trabalho e de cérebro também. Tendo à mão um material tão complexo, passado o momento de fascinação e deslumbramento, os organizadores - por falta de meios materiais ou de conhecimento mais assíduo e mais extenso da obra ou ainda porque eles estivessem debaixo de pressões veladas de colecionadores ou pela falta de tempo disponível - não foram muito felizes na formação de um critério regente que alinhavasse, no espaço e no tempo, os diferentes conteúdos tratados (com o cuidado de não dar preferência exagerada a nenhum deles) com as datas das obras (mesmo aquelas anotadas por Murilo Mendes ou aquelas presumíveis), etc.. Isto seria o mínimo. Na mostra essa evolução das descobertas do artista, ficou muito nebulosa, mesmo para nós que já estávamos acostumados, desde 1964, quando vimos pela primeira vez uma obra de I.N.. Essa visão de avant-garde (já um pouco tardia na década dos '20) que sua obra nos traz, com uma temática filtrada por uma espécie de surrealismo internacional do período, faz do maciço de sua obra uma curiosa e original montagem com processos vindo do cubismo. Um pré-Magritte jogando com ambigüidades formais. Essa estrutura significativa e emblemática quase ficou de fora e só esporadicamente aparece no meio da obra exposta no M.A.C.. Ficou até parecendo proposital. Lamentamos a perda dessa rara oportunidade de estabelecer com essa mostra (e o livro publicado, na ocasião) um elo de ligação entre essa clara linguagem que instaurou um certo clima. Di Cavalcanti, Portinari, SantaRosa e outros estiveram de olho na obra de I.N. e andaram cometendo suas obrinhas. Nós conhecemos os três e não nos lembramos jamais de ter ouvido deles sobre o Nery a mais leve consideração. É o tradicional lençol de silêncio que costumam jogar sobre os realmente talentosos. No final, a História ainda acabará por conferir as datas de cada obra de cada um. No entanto, o que vimos na exposição foi uma insistência quantitativa ao escolher obras de conteúdo literário ou "social", na sua maioria, de telas, em torno das quais foi erigida a mostra. O mito mercantilista do óleo-tela, em detrimento de obras sobre papel, ainda acaba arrasando a produção de I.N., que como se sabe teve muito pouco tempo para passar suas idéias à óleo. Klee não deixou de ser importante porque deixou uma obra enorme (e divulgadíssima) sobre papel. Explica-se: P.K. era suíço. Nery com aproximadamente 14 anos de produção

e um pouco mais de 33 anos de vida, deixou-nos uma extensa obra registrada, em sua grande maioria sobre papel ou cartão, onde se encontra quase tudo o que, hoje, nos interessa. O moço tinha muita pressa. Tivesse ele chegado até nossos dias, teríamos muito o que re-formular. Guardei um livro para vocês. Outra mostra grande foi a "Tradição e Ruptura", organizada pela Fundação Bienal. Uma tarefa cara e trabalhosa. Realmente nunca foi feita antes uma exposição tão extensa e abrangente. Arte arqueológica, indígena, primitiva, religiosa, acadêmica, popular, erudita e experimental, assim como fotografia, desenho industrial e projetos e maquetes de arquitetura realizada. Certas seções (de arqueologia, de arte indígena, dos secs.XVI, XVII e XVIII) estavam bem apresentadas e espaçosas mas outras, inclusive aquela em que nossas obras tomaram parte, estavam um caos. Ali, o que deveria ser um desenvolvimento cronológico (aparentemente o critério regente da mostra) acabou sendo feito de vários amontoados separados, dos "medalhões", com obras de várias épocas misturadas, com isto prejudicando a apresentação do artista e interropendo, na cabeça do visitante desavisado, o desenvolvimento normal das conquistas de invenção e de descoberta. Nos espaços vagos entre os "altares" eles acabaram por entupir com os trabalhos restantes. Corre o boato que o Fábio Magalhães largou a sua empreitada no meio do caminho e, para que o barco não afundasse, sua tarefa foi deixada para o segundo escalão resolver. Com tanto espaço disponível no prédio da Bienal, é de triste memória o amontoado de bazar em que virou aquela última seção. Continuamos depois.

Com a ameaça da última frase, vamos parar por aqui, evitando assim uma maior chateação geral. Confabular é uma coisa, escrever é outra. Com tudo isso aí atrás escrito começa, agora, a nos invadir uma sensação estranha de estarmos mesmo é cercados de uma ceterva de incompetentes perigosos, ocupando postos "acima" e cuspiendo (para não dizer outra coisa) sobre nossas idéias, nossos trabalhos, enfim, nossas vidas. Sabemos que isso soa paranóide mas o poder de manipulação, na nossa área, é quase sempre deixado discricionariamente nas mãos de eventuais desocupados disponíveis (às vezes até bem diplomados) que se agarram aos empregos e às promoções mas mal sabem executar os seus serviços, pelo menos com um mínimo de honestidade e com vontade de acertar. Ou ninguém está vendo em torno ou então fingem de cegos. Se por acaso a gente pia, não nos dão ouvidos ou então se ofendem, achando que estão nos fazendo um favor estarem eles cumprindo as suas obrigações, mesmo que sejam de mal a pior.

É claro que sabemos disso tudo, há tantos anos, porém a coisa hoje, parece-nos, tem piorado muito. Os projetos culturais são bons, partem de mentes esclarecidas mas sua execução, em geral, fica tão ruim que chega a mascarar a intenção original. Um duplo abraço para vocês dois. Willy + Hercules  
São Paulo 10 janeiro 85